

SISTEMA FAEP



**Mala Direta
Postal**

9912152808/2006-DR/PR

**SENAR
CORREIOS**

impresso

BOLETIM informativo

Ano XXIV | nº 1081 | 25 a 31 de
janeiro de 2010

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

**COMO CORBÉLIA
DRIBLOU O TRÂNSITO**

pág **8**

}}

O MINISTRO | PÁG 2

Agência Brasil



O ESTILO STEPHANES:

No peito e na raça...

...mas sem perder a ternura!

}}

COMÉRCIO | PÁG 10

**Conheça o "milagre"
da exportação de café
pela Alemanha**

}}

LEITE | PÁG 13

**A defesa das
cooperativas ao avanço
das multinacionais**

2

Capa

Os desafios de Stephanes

6

Opiniões

O aloprado PNDH-3



Clayerson Bege

8

Corbélia

A criatividade rural



10

Café

O drible dos alemães

13

Leite Concentrado

A volúpia multinacional

16

Via RápidaA imprensa, as mulheres,
Lula e o apartamento dos suínos alemães

18

Curitiba rural

Prefeitura perde IPTU

20

Direto ao produtorSeguro, morangos, agrotóxicos
e reunião da FAEP

Divulgação

21

Cursos SENAR-PR

Mulher atual, armazenista e mecanização



22

CCIR

FAEP pede adiamento de prazo

Stephanes: c

O ministro vai completar três anos no cargo sem mudar o estilo, apesar do tiroteio provocado dentro do próprio governo

A pesar das variadas possibilidades de busca na Internet, é muito difícil, senão impossível, se obter uma foto de Reinhold Stephanes com expressão dura. Raivosa, nem pensar. Mesmo com o constante movimento das mãos quando fala ou discursa, o “Alemão” como é chamado pelos mais próximos, não deixa transparecer no rosto sinais de indignação ou revolta em público. Se na intimidade se altera, é outra história. Stephanes é um experiente homem público, navegador de águas calmas ou revoltas da política e da alma de seus atores.

Economista por formação, o seu longo currículo há dois grandes recheios: a previdência social e a agricultura. O que faz a diferença entre aqueles que atuam na administração pública, além do exercício honesto e digno dos cargos, é a competência em se aprofundar nas questões que se comanda, e compor um time que funcione como uma orquestra bem afinada. Conta que prefere ouvir opiniões de assessores com pós-doutorado. “Por isso, me cerco de gente que não conhecia”, diz.

Dia 27 de março, um sábado, Reinhold Stephanes completará três anos comandando o MAPA, iniciais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Uma semana depois deixará o Ministério e rodará o Paraná em busca de seu quinto mandato como deputado federal, cargo que nunca exerceu plenamente, porque volta e meia o ocupante do Palácio do Planalto, seja quem for - de FHC a Lula, por exemplo, acaba chamando-o. Nesses quase 1 100 dias de Ministério, Stephanes comandou um setor que responde por 1/3 do PIB nacional e um pouco mais do que isso em força de trabalho.

De peito aberto

Nesse período os xiitas e aloprados aboletados no Governo estiveram alvoroçados e tentaram miná-lo de todas as formas. Ora, pelas criminosas invasões promovidas pelo MST, ora por ONGs ambientalistas que nunca viram um pé de couve ou o saldo da balança comercial dos produtos agropecuários. Ambos (MST e ONGs), regimento financiados pelo Governo e com ações facilitadas por organismos como o Incra e Ministério do Desenvolvimento Agrário. Não se submeteu ao Censo Agropecuário IBGE 2006, não assinou a portaria alterando os índices de produtividade, defendeu com unhas e dentes uma política nacional e racional aos fertilizantes, divulgou um trabalho da Embrapa mostrando um país repleto de parques nacionais e reservas indígenas curiosamente ricas em minérios. E foi o primeiro a rugir, de público, contra o aloprado decreto do Plano Nacional de Direitos Humanos - 3.

No peito e na raça. O interessante é que em todos esses momentos de maior aspereza e disputa política, Stephanes manteve a fleugma britânica e a serenidade. Sempre fiel ao seu estilo. O produtor rural vai sentir sua falta.

om vigor e serenidade

Agência Vímio



“Sou profissional no que faço!”

O ministro Reinhold Stephanes, da Agricultura, concedeu entrevista ao jornal “Brasil Econômico” e o repórter Silvio Ribas traduziu a conversa, escrevendo que o ministro “continua fiel ao estilo firme e sereno de lidar com as várias polêmicas que chegam à sua mesa, como as levantadas por demandas fundiárias e ambientalistas”.

Nessas páginas, Stephanes explica como seu comportamento pragmático à frente do Ministério e a seguir põe os “pontos nos is”, falando do futuro da agricultura brasileira:

“Homem público não tem direito de se irritar. Parto do princípio de que todos que têm algo a reclamar têm lá sua razão”

“Sou extremamente profissional no que faço. Para decidir ou defender num debate determinada postura gerencial ou política, levo em conta todas as opiniões manifestadas”

“Ouço pelo menos quatro técnicos especializados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) ou do próprio ministério e até cientistas de outros órgãos para, só depois me convencer ou não de que está certo”

“Sou ministro da Agricultura e não ministro com a cara deste ou daquele governo”, resume. Para ele, “quem decide é o ministro e, na última instância, o presidente”

“Posso ser coerente com minhas ideias e nem sempre concordar com o governo. Exponho minha posição e entendimento. Mas se o governo tomar decisão diferente, sigo o estabelecido”

“A norma que sigo desde o primeiro cargo é sempre escolher para trabalhar comigo pessoas melhores do que eu mesmo, conforme o perfil que estou precisando”

“Prefiro ouvir opiniões de assessores com pós-doutorado. Por isso, me cerco de gente que não conhecia”. Exemplo disso, ressalta, é o secretário-executivo José Gerardo Fontelles”



Raio-X

O ministro enxerga o Brasil dobrando sua produção agrícola em três décadas sem agredir a Amazônia, avalia a disputa pelo etanol com os EUA e aponta no trigo, café e laranja os maiores problemas, porque são poucos os revendedores e muitos os produtores. Veja a seguir as principais visões promissoras de Stephanes sobre a agricultura brasileira.

O Brasil pode dobrar a produção agrícola em 30 anos

» Stephanes gosta de ter em mãos cenários traçados por bons técnicos do setor no país e do exterior para fazer apostas, orientar produtores e até mediar conflitos dentro e fora da Esplanada dos Ministérios. Para ele, apesar dos constantes embates entre os ambientalistas e ruralistas, além das pendências agrárias, o país caminha para consolidar sua liderança no campo, amparado nas vantagens naturais e no crescimento da produtividade. Em 2010, o país poderá bater o recorde de produção de grãos, atingindo a marca de 144 milhões de toneladas.

Pequeno produtor

» A produção no campo tem de ser eficiente. Por razões econômicas, não dá para ser subalterno. O símbolo da enxada nas costas, que vivi como pequeno produtor, não existe mais. Agricultura camponesa é termo ultrapassado, carregado de romantismo. A agricultura de subsistência tende a desaparecer por não se sustentar. Pequenos produtores querem se tornar médios e os médios, grandes. O futuro está na integração.

Expansão segura

» Os especialistas não têm dúvida: O Brasil pode dobrar a produção agrícola em 30 anos, sem avançar sobre a Amazônia e respeitando áreas de proteção e reserva florestal. Entre as frentes para a expansão, a primeira é da recuperação de áreas degradadas e em degradação, até mesmo por razões ambientais. Depois vêm pastagens extensivas que vão ceder ao cultivo com avanço do confinamento do gado.

Eficiência e produtividade

» O Brasil é a única região do planeta que preenche quesitos para expansão agrícola: terra, clima, água, tecnologia, bons agricultores e organização. A África, potencial maior concorrente nesse século, só dispõe dos três primeiros. A Argentina não tem muito espaço para crescer e os EUA estão destinando áreas ociosas a etanol. Lideramos a produtividade em carne, soja e cana. Em 15 anos alcançamos os EUA.

Bolha do etanol

» Digo aos produtores que o grande mercado do etanol é o próprio Brasil (90%) e peço que olhem a demanda internacional sem precipitações. O mundo vai passar a usar, mais no curto prazo, mas tudo vai depender do preço do petróleo. Apesar do interesse em energia limpa, há hipocrisia nesse mercado. Bastou recuar a cotação do óleo e as importações caíram. A Única certeza é que o Brasil continuará liderando.

Maiores gargalos

» As relações internas de algumas cadeias produtivas da agricultura brasileira são complexas e até conflituosas. Os impasses estão na diferença entre preços pagos por poucos revendedores a muitos produtores. Assim é o trigo com só cinco redes de moinhos; do café, com meia dúzia de negociadores; da laranja, com poucos fabricantes de sucos. Mas o caso mais grave é o do café, onde cinco tradings mandam.

Direitos humanos

» O ministro da agricultura aguarda o chamado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pra apresentar seu pedido de retificações no Programa Nacional de Direitos Humanos. O primeiro ponto considerado preconceituoso pela pasta afirma que a agricultura comercial não respeita índios e pequenos produtores. O outro é que pode gerar insegurança jurídica no campo ao priorizar negociação com invasores.

NPK - N de nitrogenados; P de posfatados e K de potássio. Eis o trio indispensável à agricultura. Desde que assumiu o Ministério da Agricultura, Reinhold Stephanes não cansou de insistir que o Brasil sendo grande produtor, tem grandes perspectivas de produção seja altamente dependente desses três elementos que compõem a base dos fertilizantes. "Importamos 73% dos nossos fertilizantes: potássio 91%, nitrogenado 75% e o fósforo 51%. O consumo é em torno de 25 milhões de toneladas/ ano", repete o ministro.

Três empresas dominam a comercialização do potássio (Bunge, Mosaic e Yara), num cartel perfeito. O país só produz 27% do que precisa de fertilizantes. O Mato Grosso é um exemplo clássico do maluco cenário desses insumos. O Estado possui jazidas suficientes para se auto abastecer em fosfato, mas esse produto vem do Marrocos, atravessando o Atlântico.

O que se dizia no Brasil até dois anos é que só havia potássio em Sergipe, explorado há 20 anos pela Vale do Rio Doce. Só que são três faixas para serem exploradas, a Vale explora uma só, que são os 9% que se produz no Brasil. Poderia estar explorando 20% nessa jazida se fizesse os investimentos necessários e usasse toda a sua capacidade. "Nós acabamos descobrindo que no Recôncavo baiano e no Espírito Santo quando a Petrobras fura para procurar petróleo ele encontra, às vezes, outras coisas. E ela encontrou potássio. Só que a Petrobras não passou a informação para ninguém. Ficou com ela. Como nós descobrimos? Alguém requereu uma pesquisa nessa região. Uma empresa estrangeira. Nós fomos atrás", contou o ministro Stephanes.

A Vale do Rio Doce anunciou que negocia a compra dos ativos do grupo norte-americano Bunge na área de fertilizantes no Brasil, inclusive a participação de 42,3% da empresa na Fosfertil, uma das líderes do setor no país. A mineradora brasileira diz estar disposta a desembolsar até US\$ 3,8 bilhões (cerca de R\$ 6,7 bilhões).

Além da Fosfertil, a Vale pretende adquirir minas de fosfato e unidades de produção de fertilizantes à base de fósforo (fosfatados) e de nitrogênio (nitrato de amônio e ureia). A Fosfertil é a única empresa privada do país a produzir fertilizantes nitrogenados, fabricados também pela Petrobras.

Em seu plano de investimentos, porém, a Vale desenvolve quatro reservas de potássio (uma no Brasil, duas na Argentina e uma no Canadá), além de três de fosfato (duas no Peru e uma em Moçambique).

O projeto mais adiantado é o da mina de fosfato de Bayóvar, no Peru, prevista para iniciar a

Arquivo

FERTILIZANTES

Vale anuncia compra de ativos da Bunge



Nessa investida do grupo nacional, quais serão os dividendos aos produtores?

produção no segundo semestre deste ano. O investimento estimado é de US\$ 479 milhões. Em seguida, vem a de potássio de Rio Colorado, na Argentina. Projetada para 2013, receberá aporte de US\$ 4,1 bilhões.

Se concretizada a compra dos negócios de fertilizantes da Bunge, a Vale terá as marcas e unidades de produção de IAP, Manah, Ouro Verde e Serrana. A Bunge focará sua atuação na área de alimentos.

O País ganhará com essa investida com a redução de gastos nas importações, mas resta saber se a mudança de mãos na produção de NPK, que vantagens terão os produtores?

Um funeral para o agronegócio

O ESTADO DE S. PAULO

(*) Texto extraído do Estadão | 20/10/2010

AUTOR:
André Meloni Nassar

Lendo o decreto do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) e os esclarecimentos sobre como o processo de consulta à sociedade foi feito, sou induzido a chegar à seguinte conclusão: o agronegócio não interessa à sociedade e ao governo brasileiros, pelo menos sob a perspectiva de garantia de direitos humanos. Diria, portanto, que conceitualmente o PNDH-3 enterra o agronegócio e atesta seu óbito no Decreto 7.037, datado de 21 de dezembro de 2009.

Os argumentos para o funeral do agronegócio, extraídos do atestado de óbito: o agronegócio contribui para, potencialmente, violar o direito de pequenos e médios agricultores e populações tradicionais; seus componentes, as monoculturas da cana-de-açúcar, do eucalipto, da soja e a grande pecuária (não sabia que havia a pequena pecuária), fazem mal ao meio ambiente e à cultura dos povos e comunidades tradicionais. Ainda estou meio fora de prumo com o julgamento do agronegócio que é apresentado no PNDH-3.

Por mais que tente colocar-me no lugar das pessoas que participaram da elaboração do PNDH, tenho dificuldades em enxergar esse "agronegócio do mal" refletido no programa. Posso entender que exista uma corrente neste governo que acredite em outro modelo de produção agropecuária e florestal. Vá lá. Mas daí a afirmar que o agronegócio vai contra os interesses do Brasil em direitos humanos me parece algo fora de propósito e baseado numa hipótese heroica - ou seja, impossível de ser provada -, a de que a produção agropecuária não baseada no agronegócio (seja lá o que isso for) respeita os direitos

humanos e o meio ambiente. Difícil de acreditar.

As manifestações passionais sobre o agronegócio que aparecem no PNDH não são fato isolado. A contestação do modelo que o Brasil seguiu na produção de alimentos, fibras, biocombustíveis e matérias-primas industriais de base agrícola e florestal tem se repetido em outros fóruns e ocasiões. Se, de fato, a sociedade brasileira fosse capaz de se imaginar com um modelo de produção agropecuária e florestal do tipo do da Índia, que é o que os contra-agronegócio, no fundo, defendem, ela barraria qualquer tentativa de enterrar o agronegócio como o conhecemos hoje. Os casos da China e da Índia, que têm um modelo de agricultura parecido com o ideal do grupo antiagronegócio, são ilustrativos. A pobreza no campo é muito maior que no Brasil, os problemas ambientais são muito mais profundos, porque os produtores utilizam tecnologias rudimentares de produção

A despeito da nossa memória curta, o agronegócio brasileiro já teve seus dias de glória. Há dez anos era ovacionado mundo afora. Ninguém conseguia entender como um agronegócio

“ Afirmar que o agronegócio vai contra os interesses do Brasil em direitos humanos me parece algo fora de propósito e baseado numa hipótese heroica - ou seja, impossível de ser provada ”



cio tão jovem pôde ter crescido tão rápido. Dizia-se que o agronegócio era responsável por gerar divisas para o balanço de pagamentos brasileiro. Reconhecia-se que o setor havia trazido desenvolvimento para o interior do País, financiando as atividades econômicas que permitiram o nascimento de diversas cidades. E se via o agronegócio como uma solução para parte dos problemas dos agricultores familiares, porque, por meio das cadeias agroindustriais organizadas, estes tinham acesso ao mercado.

O censo de 2006 trouxe dados de agricultores familiares e assentados em separado. Na grande maioria dos produtos, o censo indica que a produtividade (quantidade de produto por unidade de área) dos agricultores assentados é menor que a da média dos agricultores familiares e comerciais. Isso indica que uma agricultura estruturada em pequenos agricultores pode até ser boa para segurar o homem no campo, mas não será boa para o consumidor urbano.

Cobrar as responsabilidades sociais e ambientais do agronegócio faz sentido. Carrear grande parte dos subsídios agrícolas para fortalecer os agricultores familiares, também. Criar instituições baseadas na hipótese de que o modelo de agronegócio é ruim para a sociedade brasileira é um erro. Já devíamos saber disso aqui, no Brasil.

Guerra da comunicação

Nos últimos 40 anos o agronegócio brasileiro tornou-se um dos mais pujantes e talvez o mais competitivo do mundo. Entretanto, está perdendo a guerra da comunicação. Um exemplo didático está no decreto que cria o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos, e que inverte os termos da equação do direito universal e dos direitos humanos, criminalizando agricultores e favorecendo invasores de terras, a ponto de cercear a aplicação da justiça, como a emissão de liminares de reintegração de posse. Em seu lugar, propõe audiências públicas, com a participação dos invasores e de outros "movimentos sociais", cerceando a aplicação dos preceitos constitucionais que garantem o direito à propriedade. Ironia das ironias, também invalida o art. XVII da Declaração Universal dos Direitos Humanos (Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade)!



DÉCIO LUIZ
GAZZONI é
Engenheiro
Agrônomo.

Comunicação

A primeira derrota na batalha da comunicação é o sofisma de dividir a produção primária entre agronegócio e agricultura familiar. Uma falácia. Se alguma divisão existisse, deveria colocar de um lado os produtores que tiram o sustento da terra com o suor do seu rosto, incluindo todos os agricultores, inclusive os pequenos como avicultores, suinocultores, floricultores, fruticultores, horticultores, produtores de leite e outros com áreas de 5 ou 10 ha. Do outro lado estariam os que, além de receberem terra, necessitam de cesta básica, bolsa família e outras benesses, sendo incapazes de extrair o sustento de sua família com o seu trabalho. Outra derrota refere-se a quem efetivamente garante o acesso à alimentação de qualidade e de baixo custo. Nos últimos 40 anos, o preço da cesta básica, em valor real, reduziu-se em 75%, cumprindo o art. XXV da Declaração de Direitos Humanos - o direito à alimentação. Outros se apropriam deste feito, que se deve aos avanços tecnológicos, implementados pelos agricultores. Perdida a guerra da comunicação, ao invés de os agricultores que beneficiaram a sociedade serem reconhecidos, são criminalizados. Este é o preço que os agricultores estão pagando pelo sucesso silencioso de seu trabalho. Conversando com lideranças dos produtores, ouço que os agricultores precisam trabalhar 7 dias por semana, e não dispõem de tempo para discutir com ONGs e similares, sobre quem efetivamente trabalha em benefício da sociedade. Assim, parece que precisaremos produzir um pouco menos, para sobrar tempo para cacarejar o que fazemos, sob pena de o sucesso do agricultor brasileiro ser usado contra ele mesmo.



O Sindicato Rural de Corbélia venceu barreiras e conseguiu abrir uma estrada marginal à BR 369 para o trânsito de máquinas agrícolas, que não podem circular pelas rodovias, mesmo que em pequenas distâncias. A única opção numa região agrícola com equipamentos cada vez maiores era, em períodos de plantio e de colheita, transitar pelo acostamento. Mais de 300 produtores assinaram um abaixo-assinado pedindo a estrada. O problema foi considerado prioritário pelo Sindicato Rural de Corbélia. O médico Selvino Danilo Manica, presidente da entidade, tomou a frente do projeto e foi derrubando os obstáculos um a um.

Foram várias etapas para a abertura dos 51 quilômetros que começam no trevo da área industrial de Cascavel e termina no trevo de Nova Aurora. Tudo começou a partir do Programa de Desenvolvimento Sindical, que tem por finalidade capacitar dirigentes e funcionários de sindicatos rurais para prestarem melhores serviços e apoio aos produtores rurais. O primeiro passo foi a mobilização de presidentes e dirigentes sindicais em busca de um plano de desenvolvimento que beneficiasse a comunidade local.

Iniciado o processo, o primeiro entrave foi legal. A BR 369 é pedagiada o que exige a autorização da Concessionária que tem o domínio da rodovia. Conseguida a autorização, o próximo passo exigia o desembolso da soma de R\$ 27 mil para a elaboração do

A estrada da liberdade

Sindicato de Corbélia derruba barreiras e consegue estrada de 51 km para máquinas e tratores agrícolas

projeto. Acostumado a desafios desde que deixou de clinicar para assumir os negócios da família apesar do pouco conhecimento sobre produção agrícola, Manica persistiu e a própria concessionária nomeou um profissional para assinar o projeto funcional.

A estimativa inicial era de um custo em torno de R\$ 400 mil, mas até agora ninguém precisou por a mão no bolso. É que a estrada que passa pelas propriedades basicamente já tinha sido aberta pelos pneus dos tratores podendo ser aproveitados e interligados os corredores. “Não tem pedra, pau. Não custou nada para o Estado”, afirma Manica.

A família Schneider (pai e três irmãos) tem 400 hectares onde produzem grãos. Hilário Francisco Schneider explica que para transitar com os tratores e colheitadeiras tinham que marcar horário para que houvesse acompanhamento de batedouros porque se houvesse um acidente o erro era sempre de quem dirigia o maquinário. “Eles querem que a gente produza para a balança comercial, mas dificultam tudo”, lamenta o produtor que abriu mil metros de estrada para acesso das máquinas.



As placas de sinalização padrão para os pontos de travessia serão fornecidas pelas prefeituras dos municípios envolvidos. Outra questão que exigiu providências legais foram as 150 árvores no caminho (maioria eucaliptos) que necessitaram de autorização do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) para serem retiradas. Um ano e seis meses depois de iniciado o processo e vencidos os trâmites legais, 80% da estrada está pronta. Manica, desde que assumiu o Sindicato conseguiu reverter uma situação de déficit e de abandono para a de uma entidade sustentável e participativa com presença nas decisões de interesse do agronegócio, comemora a parceria que envolveu as prefeituras de Corbélia e de Cascavel e a iniciativa privada. “Municípios da região querem a estrada chegando até eles e muitos outros sindicatos têm nos procurado para saber como conseguimos realizá-la”, diz ele.

“ Não tem pedra, pau. Não custou nada para o Estado ”

SELVINO DANILO MANICA,
presidente do Sindicato Rural
de Corbélia, sobre a
abertura da estrada rural



EM UBIATÁ:

Estradas rurais cascalhadas

Sindicato faz parceria com a Prefeitura e recupera 600 km de estradas

A iniciativa do Sindicato Rural de Ubitatã também tem sido motivo de curiosidade de várias outras entidades que enfrentam o mesmo problema de estrada intransitáveis em dias de chuvas. O Sindicato Rural de Ubitatã investiu R\$ 203 mil num britador de pedras modelo 6240 que permitirá que 600 quilômetros de estradas rurais sejam cascalhadas. A chegada do equipamento foi motivo de festa no município e beneficiará diretamente os produtores que no período de safra enfrentam dificuldade para o transporte da produção.

De acordo com o vice-prefeito, Orlando Vieira Filho, as parcerias permitem ao município alcançar resultados que seriam impossíveis se dependessem apenas do Poder público. O presidente do Sindicato Rural, Domingos Sankithi Watanobi, explica que o problema das estradas rurais é tão comum que a solução encontrada em Ubitatã despertou o interesse de outros sindicatos. “Temos recebido ligações de pessoas que querem saber como firmamos a parceria. Elas estudam uma forma de realizá-la em seus municípios”.

O presidente WATANOBİ, do Sindicato Rural de Ubitatã, com autoridades municipais



Enquanto o Brasil produz, a Alemanha fatura

Europeus não têm um pé de café, mas sabem como ganhar dinheiro com a commodity



Quando o assunto é café, não há como deixar de pensar nas imensas plantações brasileiras e sua magnífica e histórica produção. De fato, o Brasil lidera o volume de colheita e de exportações, mas na hora de faturar com a commodity, os alemães é quem dão as cartas.

Mesmo sem contar com um pé sequer de café em seus 357 mil km² de extensão – o equivalente ao território do estado do Mato Grosso do Sul – a Alemanha é o país que mais ganha dinheiro com exportações do produto. “Eles estão no mercado europeu e possivelmente isso faz a diferença na comercialização”, analisa Guilherme Lange Goulart, presidente da Comissão de Café da FAEP.

O dado parece ainda mais complexo se pensarmos que, além de não plantar café, os germânicos exportam praticamente um terço do volume brasileiro. Como, então, explicar o faturamento alemão?

“Eles (alemães) comandam o comércio com os países ricos, pois na Europa o café é uma grife. E a Alemanha conseguiu o status de possuir essa grife, essa marca forte com o café”, explica o engenheiro agrônomo da FAEP, Claudius Augustus.

Para se ter uma idéia, a produção brasileira no último ano foi de 39 milhões de sacas, o que representa 32% de participação mundial. Desse total, 30 milhões foram exportadas. Somente para a Alemanha foram destinadas seis milhões de café verde. Em contrapartida, os alemães contam com uma produção zero e as exportações de café industrializado chegaram a 10 milhões de sacas em 2009, ou seja, três vezes menos que a quantidade brasileira.

Porém, quando tudo isso é contabilizado no caixa, a realidade é outra. As exportações brasileiras rendem em média US\$ 4,2 bilhões



SAFRA

Café recorde em 2010?

A agricultura brasileira começou o ano com uma boa notícia. De acordo com projeção da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) a produção de café na safra 2010/11 será recorde, alcançando um volume de 48,7 milhões de sacas. Se confirmado, o valor é quase 10 milhões ou 25% superior ao registrado no último ano, quando o Brasil produziu 39,5 milhões de sacas de café.

O crescimento é justificado pela entidade devido à chegada do ano de alta do ciclo bianual do café e também ao clima chuvoso que tem predominado sobre o parque cafeeiro no estágio de desenvolvimento, elevando o potencial produtivo. "O ano de

bienalidade positiva, aliado às condições climáticas favoráveis no período da floração, constituem-se nos principais fatores que justificam o crescimento (da safra)", informa o relatório da Conab.

Porém, o Conselho Nacional do Café (CNC) é menos otimista. Para ele, o produtor está descapitalizado e por isso as lavouras não receberam os tratamentos culturais adequados. "Acreditamos que, no melhor dos cenários, o Brasil deverá produzir, neste ano de 2010, algo próximo ao volume mínimo estimado pela Conab, na casa das 45 milhões de sacas, ou praticamente a mesma quantia colhida em 2008, não obtendo, portanto, recorde de safra", contesta o CNC, em nota.



ESCÂNDALO

Manipulação do preço do café na Alemanha

Prova que o café, na Alemanha, é um negócio bom e por isso disputado, foi o fato ocorrido em dezembro passado. Três grandes empresas alemãs foram acusadas de manipular por quase 10 anos os preços do café no mercado interno.

As autoridades de Bonn, responsável pela aplicação da lei contra as práticas de concorrência desleal (anti-cartel), anunciaram que as empresas Tchibo (Hamburgo), Melitta (Bremen) e Dalmayr (Munique) combinaram os aumentos dos preços do café desde o início do ano 2000.

A Secretaria Federal germanica aplicou às empresas e seis policiais envolvidos no escândalo uma multa de € 160 milhões (R\$ 400 milhões). O café é a bebida mais popular na Alemanha, com um consumo médio de 148 litros por pessoa ano. As empresas de café alemão registraram um volume de negócios de € 4,4 bilhões por ano (R\$ 11 bilhões).

ao ano, o que significa que a saca é vendida por US\$ 120. Na contramão vem a Alemanha que vende o produto por US\$ 200 a saca, ou seja, um valor 70% maior do que o brasileiro. A industrialização (torrefação e moagem) não justificam a enorme margem de lucro obtida pelos alemães.

"É incrível, mas o preço que a Alemanha consegue é muito superior. E eles não são produtores e, sim, consumidores. Porém, a reexportação do café é algo muito forte e muito bem trabalhada", diz Augustus, "é fácil constatar isso pelos dados das Nações Unidas de comércio mundial. A Alemanha importou, em 2008, 19 milhões de sacas de café pagando 3,3 bi de dólares (cerca de 173 dólares por saca). Reexportou 9 milhões sacas com um preço médio de US\$233. Ou seja, os alemães tiveram

uma margem de 540 milhões sem descontar os custos e ainda manteve 10 milhões de sacas disponíveis". Para Guilherme Goulart, é necessário investir em tecnologia, "sem ela não há como competir com outros mercados".



"O DNA ALEMÃO"



» O café alemão tem olhos puxados (conillon/vietnamita), pés vermelhos (arábica/brasileiro) e um leve ar de montanha (arábica/colombiano). A mistura que dá gosto. E muito lucro!



ESTATÍSTICAS DA PRODUÇÃO

Brasil

39,4 milhões de sacas | 32%

Vietnã

18 milhões de sacas | 14%

Colômbia

9,5 milhões de sacas | 7,6%



EXPORTAÇÃO

Brasil

30,4 milhões de sacas | 32%

Vietnã

15 milhões | 15%

Colômbia

1 milhão | 10%



CONSUMO INTERNO

Brasil

18,5 milhões de sacas | 52%

Vietnã

1 milhão | 3%

Colômbia

1,2 milhão | 3%

Conselho paritário produtores/indústrias de leite do estado do Paraná | CONSELEITE-Paraná

RESOLUÇÃO Nº 01/2010

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 19 de janeiro de 2010 na sede da FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga o preço de referência realizado em Dezembro de 2009 e a projeção do preço de referência para o mês de Janeiro de 2010.

O preço de referência final do leite padrão para o mês de Dezembro/2009 calculado segundo metodologia definida pelo Conseleite-Paraná a partir dos preços médios e do mix de comercialização do mês, apresentados pela UFPR, bem como o maior e menor valor de referência, de acordo com os parâmetros de ágio e deságio em relação ao Leite Padrão, contido no Anexo I do Regulamento; e o preço projetado de referência do mês de Dezembro (contido na Resolução 12/2009 do Conseleite-Paraná) e as diferenças entre estes valores são apresentados a seguir:

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE) | POSTO PROPRIEDADE* - DEZEMBRO/2010

MATÉRIA-PRIMA	Valores projetados em 15/Dezembro/2009	Valores finais Dezembro/2009	Diferença (final - projetado)
I - Leite acima do padrão - Maior valor de referência	0,5802	0,5836	0,0034
II - Leite Padrão - Preço de referência	0,5045	0,5075	0,0030
III - Leite abaixo do padrão - Menor valor de referência	0,4586	0,4614	0,0028

(*) Observações:

Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está inclusa a CESSR (ex-Funrural) de 2,3% a ser descontada do produtor rural

O preço de referência projetado do leite padrão para o mês de Janeiro de 2010, calculado segundo a metodologia definida pelo Conseleite-Paraná a partir dos preços médios e do mix de comercialização do primeiro decêndio de Janeiro, apresentados pela UFPR, bem como o maior e menor valor de referência, de acordo com os parâmetros de ágio e deságio em relação ao Leite Padrão contidos no Anexo I do Regulamento, e os valores finais de referência do mês de Dezembro/2009, são apresentados a seguir:

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE) POSTO PROPRIEDADE - DEZEMBRO/2009 E PROJETADOS PARA JANEIRO/2010

MATÉRIA-PRIMA	Valores finais Dezembro/2009	Valores projetados Janeiro/2010	Diferença (Projetado - final)
I - Leite acima do padrão - Maior valor de referência	0,5836	0,5919	0,0083
II - Leite Padrão - Preço de referência	0,5075	0,5147	0,0072
III - Leite abaixo do padrão - Menor valor de referência	0,4614	0,4679	0,0065

(*) Observações:

Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está inclusa a CESSR (ex-Funrural) de 2,3% a ser descontada do produtor rural

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de Janeiro de 2010 é de R\$ 1,1240/litro.

Curitiba, 19 de janeiro de 2010.

RONEI VOLPI
Presidente

WILSON THIESEN
Vice-Presidente

Há dois extremos no setor de leite e seus derivados no País. Mega empresas como a Nestlé e Fonterra se uniram no início desta década e formaram a DPA (Dairy Partners Américas). Esta é uma “joint venture” com 50% de participação de cada uma para produzir e distribuir produtos de laticínios na América do Sul e do Norte, e hoje domina a industrialização de leite no Brasil. Na outra ponta estão milhares de pequenos produtores com uma média de 10 a 15 vacas, mão de obra familiar, e com uma margem de lucro mínima, quando existe. Na maioria das vezes, esses pequenos produtores não fazem nem farão as contas de seus custos e receitas.

No meio desse cenário, estão, no Paraná, cerca de 400 laticínios, dos quais 145 tem SIM (Serviço de inspeção municipal), 140 tem SIP (fiscalização estadual) e 115 tem SIF (fiscalização federal)*. Eles são responsáveis pela aquisição anual de 2 bilhões e 700 milhões de litros de leite (no Brasil são 27 bilhões de litros). Dessas quatro centenas de laticínios, porém, dez por cento deles absorvem 90% da produção.

“Hoje o setor leiteiro está convivendo com profundas mudanças que estão ocorrendo na área industrial e será inevitável os reflexos no setor produtivo”, diz Maria Silvia Digiovani, agrônoma da FAEP.

Aos pequenos produtores, lucro mínimo. Aos grandes, o domínio do mercado



Leite concentrado

Cooperativas buscam se defender da expansão das multinacionais

Cleverson Beje



Como as gigantes

De fato, está acontecendo uma gradual concentração das mega empresas que industrializam o leite. Cooperativas, pequenos e médios laticínios percebem que será praticamente impossível enfrentar esses gigantes multinacionais. A Nestlé é uma empresa suíça e a Fonterra neozelandesa. Por enquanto, a DPA não demonstrou atração nem para as tetas nem aos chifres no Paraná, mas é forte em Minas, em São Paulo, e já chegou ao Rio Grande do Sul. A solução que parece ser a mais adequada é a de seguir o exemplo das gigantes multinacionais: reunir forças para enfrentá-las na mesa de negociações e no mercado.

No Paraná há, como de resto no País, uma pulverização de pequenos laticínios, fundamentais às economias regionais. Hoje, entre as cooperativas, a Frimesa, baseada em Medianeira, no oeste, e a Confepar, com sede em Londrina, no norte, detêm as maiores fatias do mercado paranaense. Ambas, em 2008, captaram 20% do leite produzido no Estado.

A Confepar Agro-Industrial Cooperativa Central reativou conversações (iniciadas há oito anos) com cooperativas paranaenses, gaúchas, catarinenses e com a poderosa Itambé sentindo o olho gordo da gigante DPA sobre os úberes das vacas holandesas e jerseys do sul do país.

“É perfeitamente visível que está se estabelecendo, a exemplo, do que ocorre com a carne, uma nova realidade no setor leiteiro”, diz Renato José Beleze, presidente da Confepar, “e nós teremos de enfrentá-la”.

* Fonte: Iparides

Solo fértil, abundância de sol e água, além de áreas extensas a serem exploradas vêm chamando a atenção de produtores e investidores internacionais para o território brasileiro. Estrangeiros de várias partes do planeta estão comprando terras brasileiras, já visando uma futura escassez de áreas agricultáveis no mundo.

A estimativa da FAO (Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) é de que nos próximos 40 anos a produção mundial de alimentos precisará aumentar 70% em virtude do crescimento da demanda. Para isso, os especialistas da FAO apostam num aumento da produtividade. No entanto, também serão necessárias novas áreas agricultáveis, e o Brasil e a África são os alvos preferenciais.

Com isso, na rota dos “invasores internacionais” estão os americanos buscando terras baratas na Bahia para o plantio de soja, pela facilidade marítima para os Estados Unidos. Há europeus querendo comprar terras e produzir alimentos e chineses buscando extrair madeira e atuar no setor agrícola nacional. “O foco desses estrangeiros são terras baratas, em regiões com preço acessível”, explicou a analista do mercado de terras na AgraFNP, Jacqueline Bierhals.

Outros aspectos atraem os investidores. A valorização fundiária no Brasil e o crescimento do agronegócio no país nos últimos anos. “De uns tempos para cá o Brasil se tornou uma potência agrícola mundial e competitiva”, analisou o ex-

Invasão estrangeira

Terras brasileiras vem sendo alvo de investidores e produtores internacionais

PREÇO DA TERRA EM CONDIÇÕES PARA PRODUZIR POR HECTARE

PARANÁ	R\$ 25 mil
SUDESTE	R\$ 20 mil
RIO GRANDE DO SUL	R\$ 18 mil
SANTA CATARINA	R\$ 11 mil
* MAPITOBA	R\$ 5 mil

Fonte: Brasil Econômico *Mapitoba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia) é a região de maior procura atualmente dos estrangeiros



ESTATÍSTICAS

Nem o Incra sabe o tamanho

Nos últimos dois meses, os estrangeiros adquiriram cerca de dois mil imóveis rurais no país. O levantamento é dos cartórios de registros de terras que não revela, porém, toda a movimentação no comércio nacional de terras.

O presidente do Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária (Incra), Rolf Hackbart, afirmou à imprensa que a concentração da propriedade rural continua alta no Brasil e requer maior fiscalização cadastral. No entanto, ele mesmo confessou que o órgão fiscaliza anualmente somente 7 milhões dos 800 milhões de hectares existentes no território brasileiro. Além disso, falta definir com precisão o que são áreas públicas, privadas e de quilombos.

Outra falha é quanto ao registro das terras. O Incra calcula que dois milhões de hectares legalizados em cartórios ainda não foram devidamente contabilizados como estando em posse de cidadão ou empresas do exterior. Já o Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR), banco de dados do Incra, existem oficialmente 3,6 milhões de hectares nas mãos de estrangeiros.

ministro da Agricultura Roberto Rodrigues. “A tecnologia fez nossa produção de alimentos aumentar 120% em 15 anos”, completou.

Demanda chinesa

Por esse motivo, alguns países já buscam internacionalizar sua produção. “A China já sofre com escassez de produtos naturais. A demanda é muito grande e os empresários chineses estão buscando isso fora do país. Há interesse pela produção de biodiesel, soja, laranja, café, algodão, extração de madeira e também mineração, onde já atuam no Brasil”, disse Fernando Ou, presidente da Câmara Brasil-China de Comércio e Desenvolvimento Econômico.

O maior problema brasileiro, no entanto, é a burocracia. São meses para conseguir comprar uma terra no Brasil. É preciso checar documentação, impostos, sanar dúvidas em relação às divisas, se está em uma área indígena ou quilombo. Por tudo isso, muitos estrangeiros optam por outros países, principalmente na África, onde os preços também são mais atrativos. Pela lei em vigor, de 1971, a pessoa jurídica estrangeira só pode adquirir imóveis rurais cuja soma não passe de 25% da área de cada município onde se situe. As áreas mais procuradas no território nacional estão no oeste baiano e a região batizada de “Mapitoba”, que engloba o sul do Maranhão, sul do Piauí, oeste da Bahia e Tocantins. Já o sudeste e o sul têm hectare caríssimo, o que afugenta os investidores estrangeiros.



Uma saída para o milho e o feijão

FAEP pede rapidez nas soluções

Fotos: Cleverson Beje



Quem cultivou milho e feijão no Paraná passa agora por um drama parecido: o mercado oferece pelos produtos menos do que foi gasto para produzi-los. O presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette, alertou as autoridades federais sobre a necessidade de medidas rápidas que atenuem a crise. A situação foi descrita em cartas aos ministérios da Agricultura e Fazenda e à Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Para o milho, a sugestão é que sejam feitos leilões do Prêmio de Escoamento do Produto (PEP) capazes de garantir o preço mínimo e estancar os prejuízos. Os estoques estão elevados e a produção mundial em alta. No Paraná, o grão é comercializado, em média, por R\$ 14,62 a saca (SEAB), enquanto o custo de produção avaliado pela Conab está entre R\$ 16,51 e R\$ 17,15 a saca. O valor está abaixo ainda do estabelecido na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), de R\$ 16,50.

Diante deste cenário, o Banco do Brasil já tem restringido o acesso dos produtores a financiamento de custeio para o milho safrinha, alegando que em algumas regiões haverá incapacidade de pagamento por causa da perspectiva de baixos preços futuros.

Os produtores de feijão enfrentam situação ainda mais crítica. 2010 começou com preços entre R\$ 45,00 e R\$ 55,00 a saca, muito abaixo do preço mínimo de R\$ 80,00. Os preços podem cair ainda mais, já que o volume de oferta vai aumentar. A necessidade de intervenção direta do governo fica mais clara ainda ao se levar em conta que os produtores estão descapitalizados, após prejuízo das últimas safras de verão e inverno.

O pedido da FAEP é de lançamento de contratos de opção, sinalizando ao mercado que o produtor terá alternativa de escoamento, e compra direta pelo sistema de Aquisição do Governo Federal (AGF). Para ser mais eficaz, as AGFs teriam que aumentar o volume máximo de compra dos atuais 391 sacos por produtor para dois mil sacos, o que atenderia aos médios produtores.

DEU NA IMPRENSA

Vai mal

» Menos da metade dos jovens de 15 a 17 anos está cursando o ensino médio, etapa de ensino adequada para esta faixa etária, e apenas 13% dos jovens de 18 a 24 anos frequentavam o ensino superior em 2007. Esses são alguns destaques da pesquisa Juventude e Políticas Sociais no Brasil, elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Folhapress

Vai mais ou menos

» O Brasil terá neste ano um crescimento inferior ao da média dos países em desenvolvimento e há risco de formação de uma bolha no preço de ativos (como ações), afirma o Banco Mundial (Bird). Pela previsão da entidade, o PIB brasileiro se expandirá em 3,6%, graças especialmente à recuperação do investimento e do consumo privado, assim como pela forte demanda externa, principalmente da China.

Folha de S. Paulo

Piorou

» O efeito do crescimento econômico nas contas externas brasileiras já começou a ser sentido com mais intensidade. Dados do Banco Central mostram que o aumento dos ganhos das empresas estrangeiras fez o envio de lucros e dividendos atingir recorde em dezembro de 2009: US\$ 5,32 bilhões, ou 21% de todas as remessas do ano. Com isso, o déficit de transações correntes - resultado das operações de comércio de bens e serviços do Brasil com o exterior - atingiu US\$ 5,94 bilhões no último mês do ano, o pior resultado da série, iniciada em 1947.

O Estado de S. Paulo

Revoada de borrachudos

» Para quem pensa que os borrachudos atacam somente nas praias ou em locais com matas, está enganado. Eles estão atacando de norte a sul do país. Prova disso são os 26 milhões de cheques sem fundo ou "voadores" emitidos em 2009, número recorde na economia do país. No Brasil são emitidos em média 1,2 bilhão de cheques por ano. Seis unidades da Federação registraram inadimplência abaixo do índice brasileiro: Mato Grosso do Sul (2,14%), Minas Gerais (2,02%), Paraná (1,97%), Santa Catarina (1,86%), Rio de Janeiro (1,73%) e São Paulo (1,64%).

Das agências

Alegria da mulherada

» Duas horas de compras seguidas podem queimar 283 calorias, enquanto três podem matar todas as calorias de um Big Mac, explicou matéria do jornal inglês Daily Mail. As mulheres gastam 2,5 horas e 4,7 km em compras por semana, enquanto os homens são mais rápidos e andam menos: 50 minutos e 2,4 km. Cientistas calcularam que mulheres queimam 5 calorias por minuto, vasculhando prateleiras, o que dá quase 48 mil por ano. Elas gastam cerca de 13 horas por mês em lojas, shoppings e supermercados.



Lula, o pensador

» E uma mulher não pode ser submissa ao homem por causa de um prato de comida, ela tem que ser submissa a um parceiro porque ela gosta dele e quer viver junto com ele.

» Eu estava na Guarujá, caiu uma chuva na quinta-feira, que eu pensei que ia encher o mar. Eu falei: tudo bem, quando o rio transborda, a água vai para o mar. Primeiro, passa na casa das pessoas que moram na periferia, depois ela vai para o mar. Eu falei: se o mar encher, vai para onde?

Chiqueiro chique

» Na cidade de Konstanz, na Alemanha, nada de lama e detritos no "chiqueiro" dos porcos **BIFI** e **CARAZZA**. Isso porque eles têm o privilégio de morar no apartamento do casal **MARCO LORENZ** e **NICOLÉ HECHLER**.

Quanto à qualidade de vida dos animais, não há dúvida que eles passam bem. As fotos mostram os porcos limpos e bem tratados. Agora, se alguém acha que o casal precisa de algum tratamento... aí é outra história...





Patente da cadeira de rodas

» Em 28 de agosto de 1830, decretava **DOM PEDRO I**: - hei por bem, tendo ouvido o procurador da Coroa, Soberania e Fazenda Nacional, conceder ao dito Joaquim Marques de Oliveira e Souza, pelo tempo de dez anos, a propriedade e o uso exclusivo de uma cadeira de rodas, de sua invenção para condução de aleijados, ficando no gozo das garantias.

Haja internet!

» O e-mail tornou-se um elemento tão presente na vida de tantas pessoas que é difícil imaginar a vida sem ele. Segundo a International Data Corp., cerca de 9,8 bilhões de mensagens eletrônicas são enviadas diariamente.

A sequência dos teclados 1

» O teclado que usamos hoje - conhecido como QWERTY (por causa das seis primeiras letras na fileira superior, na mão esquerda) - foi escolhido por tornar a digitação mais lenta. Isso aconteceu porque as primeiras máquinas, de tecnologia rudimentar, travavam os tipos quando a datilografia era muito rápida. Quando o impressor americano Christopher Latham Sholes (1819-1890) inventou a máquina de escrever, em 1868, tentou ordenar as letras em ordem alfabética - como acontece na segunda fileira, onde temos uma sequência quase completa: DFGHJKL.

A sequência... 2

» As mudanças de posição foram feitas para forçar o datilógrafo a bater as teclas numa velocidade adequada, sem embaralhar os tipos. Por isso, o E e o I, duas das letras mais frequentes na língua inglesa, foram retiradas da segunda fileira, a mais acessível. A letra A, outra das mais comuns, ficou relegada ao dedo mínimo esquerdo, o menos hábil de todos.



24,334
bilhões

» de dólares é o déficit da **BALANÇA COMERCIAL**

BRASILEIRA EM 2009.

Desde março de 2001 não se registrava saldo negativo na balança comercial brasileira.



» Foram criadas

995 mil
e 100

VAGAS COM CARTEIRA ASSINADA em 2009, menor saldo desde 2003.

MOSAICO

Os maiores terremotos da história:

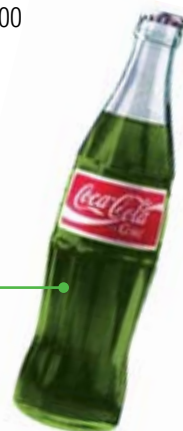
Shaanxi, China (1556) » 830 mil mortos
Tangshan, China (1976) » 779 mil mortos
Antioquia, Império Bizantino (526) » 250 mil mortos
Haiyuan, China (1920) » 240 mil mortos
Aleppo, Síria (1138) » 230 mil mortos
Shaanxi, China (1556) » 830 mil mortos
Tangshan, China (1976) » 779 mil mortos
Antioquia, Império Bizantino (526) » 250 mil mortos
Haiyuan, China (1920) » 240 mil mortos
Aleppo, Síria (1138) » 230 mil mortos
» Resta saber a real dimensão da tragédia do Haiti.

Os países mais populosos do planeta

1. China » 1.325.640.000
2. Índia » 1.139.965.000
3. Estados Unidos » 304.060.000
4. Indonésia » 228.249.000
5. Brasil » 191.972.000
6. Paquistão » 166.037.000
7. Bangladesh » 160.000.000
8. Nigéria » 151.319.000
9. Rússia » 141.800.000
10. Japão » 127.704.000

A coca

» A Coca-Cola era originalmente **VERDE**, e a Islândia é o país com o maior consumo per capita do mundo.



A maçã

» As maçãs são mais eficientes do que o café para manter as pessoas acordadas.

O feijão

» Os astronautas não podem comer feijão antes das viagens, pois os gases podem danificar as roupas espaciais.

A noz-moscada

» A noz-moscada é extremamente venenosa se for injetada nas veias.

A 9817 metros do marco zero de Curitiba (em linha reta) fica o bairro Lamenha Pequena, ocupado por poloneses e vizinho dos italianos do tradicional Santa Felicidade.

É nele que há mais de 50 anos vive Marta Kleina, numa pequena propriedade de 3,5 alqueires onde a família planta milho, feijão, soja, batata e verduras. Neste início de ano, o filho David, que administra a propriedade após o falecimento do pai Afonso há dois meses, aguarda a chegada do carne do IPTU (Imposto Predial Territorial Urbano). Com base no valor do ano passado, ele calcula que o tributo seja de R\$ 1,4 mil. “É alto para o agricultor. Se tivéssemos outra renda, mas é disso que a gente vive”, afirma David.

A propriedade da família Kleina é uma das 275 cadastradas como rural pelo censo realizado pela Prefeitura Municipal de Curitiba, no final de 2009. Três por cento dos 43.217 hectares do território da cidade são ocupados por lavouras, pastagem, hortaliças e piscicultura.

No levantamento, realizado pela Secretaria Municipal do Abastecimento, as propriedades foram agrupadas em um mapa dos remanescentes de zonas rurais da cidade que servirá de base para programas do município de incentivo à agricultura urbana.

Uma das propostas estudadas pela Prefeitura é a redução do Imposto Territorial Urbano (IPTU) para as propriedades rurais produtivas. A lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo, em vigor desde 2000, acabou com a classificação de áreas rurais da cidade, estabelecendo todo o território de Curitiba como zonas urbanas. A dúvida de muitos produtores é: a propriedade rural deve pagar IPTU ou ITR (Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural)? Na dúvida, a família Kleina paga os dois, até porque o valor do ITR é bem menor do que o do IPTU (não chega a R\$ 50). “Se não pagar a gente fica irregular, a gente se obriga a pagar”, diz David.

STJ dá a decisão

Até recentemente não havia consenso jurídico sobre o assunto. Há quatro meses, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que o principal critério para se definir qual imposto pagar é a destinação do imóvel. Segundo informações divulgadas pelo STJ: “para fins de determinação da incidência do IPTU, o Código Tributário Nacional (CTN) adota o critério da localização do imóvel e considera urbana a área definida como tal na lei do município. Também considera nessa situação o imóvel localizado em área de expansão urbana”.

No entanto, como observou o relator do recurso no STJ, ministro Herman Benjamin, ao lado do critério espacial previsto no CTN, devem ser aferidas também a destinação e a utilização do imóvel nos termos do artigo 15 do DL 57/1966.

No caso de um produtor de São Bernardo do Campo (SP) julgado pelo STJ, os ministros entenderam que foi comprovada a utilização do imóvel para o cultivo de hortaliças e eucalipto. Portanto, “embora inserido em zona qualificada como urbana pelo município, o local tem natureza rural”.

O advogado Klauss Dias Kuhnen, da assessoria jurídica do Sistema Faep, explica que o entendimento foi submetido ao rito dos recursos repetitivos, o que significa que “a posição firmada pelo STJ será aplicada a outros processos em tramitação que tratem da mesma questão jurídica”. Neste caso, apesar da família Kleina morar numa área urbana ela deveria pagar apenas o ITR.

A pequena Curitiba

Prefeitura
faz Censo,
descobre 275
propriedades
rurais e perde
IPTU



ena a rural

* HISTÓRIA

Do “caroçon” a metrópole

Foi-se o tempo em que os carroções conduzidos pelas italianas de Santa Felicidade e polacas da Barreirinha percorriam as ruas de Curitiba vendendo verduras, frutas e pão caseiro. De tão acostumados aos roteiros, os cavalos não precisavam do uso do freio coberto por pedaços de pneu para estacionar o “caroçon”. Os curitibanos mais velhos sentem saudade dessa época. Algumas lembranças são reavivadas hoje em dia em algumas festas folclóricas.

Hoje a capital paranaense comporta 1 milhão e 800 mil habitantes e possui em seu entorno 25 municípios formando a Região Metropolitana com 3 milhões e 200 mil habitantes. A cidade tem uma área de 435 km², uma densidade demográfica de 4.255 hab/km², uma frota de 870 mil veículos e renda per capita de R\$ 17.977,00. A Prefeitura curitibana tem 522.765 imóveis cadastrados e 104.727 estão isentos ou tem redução do IPTU. Os curitibanos tem orgulho de sua cidade, mas não perderam a fama de não gostar de gente de fora. Fazem jus à piada em que o morador da capital diz ao novo colega de trabalho vindo do interior:

- “Apareça lá em casa”. Mas nunca dá o endereço.



Fotos: Arquivo



* CENSO

O Censo realizado por técnicos da secretaria do Abastecimento também revelou aspectos básicos de produção agrícola e de criação animal. Segundo o levantamento a distribuição das propriedades rurais é bastante dispersa em Curitiba. Estão presentes em 23 dos 75 bairros da cidade. A maior concentração é na região sul, e o Umbará, o bairro com maior número de propriedades, 38. Bairros mais próximos do Centro, como São Lourenço e Campo Comprido também preservam áreas agrícolas.

As propriedades produzem basicamente hortaliças e lavouras de milho, feijão e mandioca. No caso das hortas, a produção é quase toda comercializada no mercado local, diretamente na propriedade, e alguns colocam produtos na Central de Abastecimento (CEASA). O mesmo não acontece com os grãos, que são usados basicamente para consumo das famílias.

São 293,39 hectares de pastagem distribuídos em 134 propriedades. O rebanho contado pelos técnicos soma 2.246 animais, entre caprinos, gado de leite e de corte, equinos e ovinos.



Cadê o seguro rural?

Em plena época de contratação dos custeios da safra de verão, falta o dinheiro da subvenção federal e as seguradoras suspenderam a oferta do seguro agrícola. A subvenção viabiliza a contratação do seguro pelos produtores.

O presidente da FAEP, Ágide Meneguette (foto), alertou sobre a situação, por carta, ao governo federal e à bancada paranaense no Congresso. A falta de subvenção ocorre justamente após aperfeiçoamento do seguro, que se tornou mais atrativo nesta safra. As faixas de cobertura aumentaram de 50% para 70% e os cálculos de produtividade ficaram mais próximos da realidade do campo, apesar de ainda haver necessidade de ajustes.

Para atender a demanda, Meneguette observa que serão necessários mais do que os R\$ 90 milhões inicialmente previstos para complementar o programa de subvenção. O pedido é para que seja aprovado, no menor prazo possível, o Projeto de Lei 52/2009, que propõe crédito suplementar de R\$ 134 milhões.



Norte Pioneiro e os morangos

A região de Jacarezinho é a segunda maior produtora de morango do Paraná. Os dados são da Secretaria Estadual de Agricultura e do Abastecimento (SEAB) e da Federação da Agricultura do Paraná (FAEP).

No Norte Pioneiro os municípios que se destacam na produção do morango estão Jaboti que tem 21% de sua produção rural do produto e Pinhalão 6%.

O morango é uma fruta que contém grande quantidade de vitamina C, evita a fragilidade dos ossos, a má formação dos dentes, dá resistência aos tecidos, age contra infecções, ajuda a cicatrizar ferimentos e evita hemorragias.

Cleverson Beje



Campeão também nessa

O Brasil segue líder mundial no recolhimento de embalagens de agrotóxicos. Em 2009, foram recolhidas cerca de 28 mil toneladas, um retorno de 90%. Apesar de 10% dos recipientes ainda estarem em contato com o meio ambiente, a taxa é bem superior à de outros países. Canadá, Estados Unidos e Japão têm índices de recolhimento entre 20% e 30%.

De empreendedor a agrônomo

O jovem Wellington Ochner Casati, segundo lugar no Concurso Melhor Projeto Empreendedor Rural de 2009, é o mais novo aluno do curso de agronomia no campus da UEM, em Umuarama. Sua premiação ocorreu com um projeto na propriedade da família, em Cruzeiro do Sul, onde Wellington colocou em prática um projeto de plantação de eucaliptos.

Reunião da diretoria

Na última terça-feira (19), a diretoria da FAEP esteve reunida para examinar e aprovar os temas que serão encaminhados na reunião do Conselho de Administração. No mesmo dia, também ocorreu a reunião do Conselho do SENAR-PR.

Fotos: Leonardo Fagundes





EVENTOS DO SENAR: Em razão da não circulação deste Boletim no final de ano, alguns eventos promovidos por Sindicatos deixaram de ser informados. Ei-los:



MEDIANEIRA



No dia 11 de dezembro, em assembléia do NURESPOP – Núcleo Regional dos Sindicatos Rurais do Oeste do Paraná, Ivonir Lodi, presidente do Sindicato Rural de Medianeira foi eleito presidente do Núcleo.



RENASCENÇA

No período de agosto a dezembro de 2009, aconteceu em Renascença, o Curso de Mecanização, ministrado pelo instrutor Luiz Boareto, de Dois Vizinhos. O alvo foram jovens de 14 a 18 anos, que já faziam parte do



programa Jovem Agricultor Aprendiz. O curso proporciona conhecimento das tecnologias de mecanização agrícola e é resultado de convênio entre Sindicato Rural de Renascença e SENAR-PR, com a parceria da Prefeitura Municipal e o Colégio Estadual de Renascença.



ORTIGUEIRA

Curso de Classificação de milho e soja (foto ao lado) foi ministrado nos dias 03 e 04 de dezembro pela instrutora Maria Fátima C. Marcondes no Sindicato Rural de Ortigueira. Curso



de Tratorista Agrícola (foto abaixo) de 16 horas foi ministrado nos dias 01 e 02 de dezembro por Newton Cardoso. No dia 03 de dezembro, ele foi o responsável pelo curso de Operação de Implementos Agrícolas, com aulas teóricas no Sindicato Rural de Ortigueira e aulas práticas na fazenda de um produtor de Ortigueira.



SANTA IZABEL DO OESTE

Um jantar encerrou o Programa Mulher Atual, realizado no dia 09 de dezembro, na Comunidade da Linha Peroba, em Santa Izabel do Oeste, extensão de base do Sindicato Rural de Realeza. O curso foi ministrado pela instrutora Sandra Dias. No encerramento estiveram o Diretor Tesoureiro do Sindicato Rural de Realeza, Antonio Binotto, e sua esposa Neide, além da mobilizadora do SENAR-PR, Cleidi Feix, o prefeito Olívio Brandelero, a primeira dama, Elda Brandelero, e familiares das formandas.

LOANDA



O stand do Sindicato Rural de Loanda - SENAR-PR, na Expo Loanda 2009, que foi realizado nos dias 27 à 29/11/2009.

ITAMBÉ

Na foto ao lado, cena do curso de Armazenista, realizado em Itambé, entre 30 de novembro e 4 de dezembro, com o Instrutor Ramon Ponce. A iniciativa



foi do Sindicato Rural de Maringá que contou com a parceria da Ferrari&Zagatto. E em parceria com a Sociedade Rural, durante o Evento Agrocampo, a instrutora Celeste de Oliveira Mello ministrou o curso de panificação básica (foto abaixo), realizado nos dias 18 e 19 de Novembro. Foram oferecidas algumas dicas para a criação e moldagem de pães com motivos natalinos.



Começam as atividades dos CSAs

Os encontros do Projeto de Fortalecimento dos Conselhos Municipais de Sanidade Agropecuária CSA, reiniciam no dia 08 de fevereiro na região de Campo Mourão. O objetivo é sensibilizar e envolver a comunidade ligada ao agronegócio

para os problemas sanitários que podem trazer prejuízos à saúde pública e à viabilidade econômica das atividades agropecuárias nos municípios. Abaixo o calendário com os 25 municípios onde serão realizados os encontros em fevereiro.

CRONOGRAMA | REGIÃO DE CAMPO MOURÃO

Data	Município	Horário	Evento	Sindicato Envolvido
8/2/2010	Luiziana	14:00 – 17:00	Seminário de Sensibilização Local	Ext. Base Campo Mourão
	Farol			Ext. Base Campo Mourão
9/2/2010	Terra Boa	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Terra Boa
	Moreira Sales			Ext. Base Tuneiras do Oeste
	Engenheiro Beltrão	14:00 – 17:00		Engenheiro Beltrão
	Goioerê			Goioerê
10/2/2010	Quinta do Sol	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Não Possui
	Rancho Alegre			Ext. Base Goioerê
	Fênix	14:00 – 17:00		Não Possui
	Quarto Centenário			Ext. Base Goioerê
11/2/2010	Barbosa Ferraz	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Barbosa Ferraz
	Janiópolis			Não Possui
	Corumbataí do Sul	14:00 – 17:00		Ext. Base Campo Mourão
	Boa Esperança			Não Possui

Data	Município	Horário	Evento	Sindicato Envolvido
12/2/2010	Araruna	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Araruna
	Mamborê			Mamborê
23/2/2010	Juranda	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Juranda
	Iretama			Ext. Base Campo Mourão
	Ubiratã	14:00 – 17:00		Ubiratã
	Roncador			Ext. Base Campo Mourão
24/2/2010	Campina da Lagoa	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Campina da Lagoa
	Campo Mourão			Campo Mourão
	Altamira do Paraná	14:00 – 17:00		Não Possui
	Peabiru			Ext. Base Campo Mourão
25/2/2010	Nova Cantú	09:00 – 12:00	Seminário de Sensibilização Local	Nova Cantú

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	"FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS"	
	1 - 11	12						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-		138.681,09	**542.225,27	-	-	-
Setor Bovideos	8.431.549,48	13.000,00		13.740.717,62		2.341.952,64	-	20.379.824,88
Setor Suínos	2.200.137,02	1.360.000,00		1.484.911,17		141.274,87	-	4.903.773,32
Setor Aves de Corte	1.271.958,15	210.000,00		1.489.523,08		-	-	2.971.481,23
Setor de Equideos	38.585,00	15.000,00		65.760,42		-	-	119.345,42
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-		6.606,19		-	-	12.444,80
Setor Aves de Postura	35.102,41	2.000,00		80.429,26		-	-	117.531,67
Pgto. Indenização Sacrifício Animais *	-	-		-		141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-		-		-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício Animais *	-	-	141.031,00	-		-		141.031,00
TOTAL	12.381.000,00	1.600.000,00	141.031,00	16.767.179,86	**542.225,27	2.624.258,51	77.567,43	28.426.833,89
SALDO LÍQUIDO TOTAL								28.426.833,89

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio:

1º» 14/12/2000 » R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 » R\$ 2.000.000,00 | 3º» 04/09/2001 » R\$ 380.000,00 | 4º» 28/12/2001 » R\$ 2.120.000,00 | 5º» 21/05/2002 » R\$ 710.000,00 | 6º» 26/07/2002 » R\$ 2.000.000,00 | 7º» 16/12/2002 » R\$ 2.167.000,00 | 8º» 30/12/2002 » R\$ 204.000,00 | 9º» 08/08/2003 » R\$ 600.000,00 | 10º» 08/01/2004 » R\$ 400.000,00 | 11º» 30/12/2004 » R\$ 1.300.000,00 | 12º» 01/12/2005 » R\$ 1.600.000,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*) | 3) Sector de Bovideos (**) a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao sector de Bovideos = R\$542.225,27 b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do sector de Bovideos = R\$ 542.225,27 | 4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da sub-conta do Sector de Bovideos e creditado para sub-conta do Sector de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001



Um show de produtos, equipamentos e tecnologia

Sistema FAEP leva quase cinco mil produtores a Cascavel

De todos os cantos do Paraná, a partir do dia 8 próximo, 115 caravanas de produtores desembarcarão no Show Rural Coopavel às margens da BR-277, em Cascavel. Esse exército de 4 600 integrantes foi convocado pelo Sistema FAEP, em parceria com os sindicatos rurais. O objetivo é facilitar o acesso dos produtores a novos conhecimentos, pois é nesse evento que as principais empresas nacionais e multinacionais de pesquisa e de equipamentos lançam novos produtos e tecnologias, antecipando com exclusividade as tendências para o agronegócio.

O estande de 200 metros quadrados do Sistema FAEP servirá de ponto de apoio aos visitantes com profissionais direcionando-os para as suas áreas de interesse, com orientações sobre localização e empresas expositoras.

O Sistema FAEP também disponibilizará um sistema de consulta aos visitantes em que, ao fornecer seus dados, os produtores receberão uma ficha com informações para contato com o mobilizador, o supervisor e o sindicato de seu município. Além de informações específicas sobre os cursos disponibilizados pelo SENAR-PR em suas áreas de atuação.

Os dados do produtor, que incluem as cadeias produtivas que são trabalhadas em sua propriedade, serão armazenados num banco de dados que servirá de base para o planejamento estratégico com desenvolvimento de cursos que atendam a necessidade real da região. O gerente de planejamento, Henrique de Salles Gonçalves, explica: “além do material com os dados que o produtor levará para casa, também poderemos disponibilizar esta informação ao supervisor para o direcionamento de mais cursos voltados para as atividades mais recorrentes naquele local”.

Os participantes das caravanas receberão um kit formado por uma sacola contendo o Boletim Informativo da entidade, folders institucionais e um chapéu australiano estilizado. Diretores e vice-presidentes do Sistema FAEP também participarão do evento.

* O SHOW

Promovido pela Coopavel Cooperativa Agroindustrial, o evento anual abre o calendário de feiras agropecuárias no estado. A expectativa é receber mais de 200 mil visitantes que passarão pelos 72 hectares de área em que estão espalhados mais de 300 expositores. O Show Rural Coopavel é uma vitrine tecnológica que facilita o acesso de produtores rurais a equipamentos e técnicas que auxiliam a produzir mais e melhor, mesmo com severas adversidades climáticas, uma nova constante imposta pelo aquecimento global.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14o andar
Cep 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| ☐ Mudou-se | ☐ Falecido |
| ☐ Desconhecido | ☐ Ausente |
| ☐ Recusado | ☐ Não procurado |
| ☐ Endereço insuficiente | |
| ☐ Não existe o nº indicado | |
| ☐ Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____

Responsável _____